

Simpósio: Interfaces entre Psicologia, Medicina e Áreas Afins: Discutindo Questões da Formação e Prática Profissional em Contextos de Saúde

Prática médica na atenção à saúde materno-infantil: vivência de médicos no cuidado humanizado à gestante de risco e em situações de perda gestacional. Ana Cristina Barros da Cunha, Luana Freitas Simões Lemos, Camilla Stembrock Pereira (UFRJ)

No final do século XX foram iniciadas mudanças na assistência em saúde, com o reconhecimento de um novo modelo de cuidado que legitima os direitos de todos à uma assistência mais humanizada. No campo da Saúde da mulher e da Saúde materno-infantil esses direitos incluem o protagonismo da mulher e o apoio emocional durante o ciclo gravídico-puerperal. Com base em recomendação da Organização Mundial da Saúde, o Ministério da Saúde criou em 2000 o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento e a Política Nacional de Atenção Integral a Saúde da Mulher, ambas para garantir que esse novo modelo assistencial fosse implementado. Logo, a adoção de uma prática mais humanística é dever de todo profissional de saúde. Dessa forma, na formação médica torna-se imprescindível a inclusão de temas relativos à intersubjetividade de todos os envolvidos nos processos assistenciais, com atenção, inclusive, para a sensibilização do médico para suas questões pessoais que podem ser entraves para esse novo paradigma de assistência. Práticas assistenciais tradicionalmente instituídas, contrárias a um cuidado humanizado, podem ser modificadas quando é facilitado ao médico o reconhecimento de suas percepções, crenças e atitudes que norteiam tais práticas. Na atenção em saúde deve-se privilegiar um cuidado baseado no princípio da integralidade, que prevê atenção, respeito e acolhimento das necessidades humanas. Diagnósticos graves, como uma malformação fetal ou um óbito na gestação, são condições de vulnerabilidade biológica e psíquica que podem gerar impacto emocional no profissional, resultando em dificuldades na sua prática assistencial. Diante do exposto, essa comunicação pretende analisar dados de estudos realizados com médicos de uma unidade materno-infantil com vistas a discutir sobre a vivência destes profissionais a partir de suas percepções e sentimentos sobre sua assistência às condições de vulnerabilidade já citadas. Tanto no acompanhamento de gestantes com diagnóstico de malformações fetais, como na assistência a mulher com perda gestacional, a vivência dos médicos foi investigada buscando-se compreender como eles lidavam com essas situações a partir da análise dos seus discursos sobre essa assistência. Especialmente sobre o diagnóstico, observou-se que a comunicação do mesmo representava grande desafio e um dos momentos mais delicados que, geralmente, causa frustração e desconforto para os médicos. Para se proteger psiquicamente do mal-estar que a dor da paciente causa, alguns profissionais declararam assumir uma postura mais “técnica”, visando o distanciamento do sofrimento das pacientes. Ao contrário, outros conseguem desenvolver formas mais acolhedoras e empáticas de lidar com a paciente e isso é particularmente importante porque oferece um espaço de escuta para a dor dessas mulheres, além de ajudar no processo psíquico do luto simbólico pela gestação do filho perdido. Conclui-se que a prática médica na atenção em saúde materno-infantil, especialmente em condições graves de vulnerabilidade, privilegia uma assistência humanizada, que envolve a percepção do profissional sustentada pelo seu próprio sistema de crenças e valores, assim como a



percepção das demandas subjetivas da paciente e dele próprio, que ajudarão na construção do manejo clínico e do exercício profissional.

Palavra-chave: malformação fetal, óbito, assistência médica

Pesquisador - P

Apoio financeiro: FAPERJ

SAÚDE - Psicologia da Saúde